

Apresentação

Esperamos que no futuro fiquem mais claras as relações entre os aspectos macabros da atual conjuntura planetária e a revalorização atribuída ao processo soviético, que – eis um dado incontornável – foi derrotado na passagem da década de 1980 para a de 1990. As revoluções na Rússia em 1917, especialmente a de outubro, voltaram a ser avaliadas como de fundamental importância para a conquista de direitos sociais, o avanço das lutas das mulheres, os movimentos de libertação nacional. Nem a súbita má vontade dos governos dos principais países do chamado mundo ocidental foi capaz de ofuscar a importância da URSS para a vitória contra a Alemanha nazista. A mais importante tentativa de transformar uma sociedade teve desdobramentos enquanto durou e também após o final de seu ciclo.

A abrangência de seus impactos também atingiu profundamente a esfera da produção cultural. Fazer a revolução implicava bem mais do que transformar as estruturas econômicas e políticas. Aliás, até para estas transformações era necessário mudar a vida, com impacto que iam das relações sociais de sexo à pintura, à arquitetura ao urbanismo... ao cinema, esta arte que ganha as massas na alvorada do século XX e adquire extraordinário impulso no processo soviético. Em seu artigo, Natalício Batista Jr. mostra como, em três filmes de Eisenstein, imbricam-se procedimentos de vanguarda estética a intensa preocupação político-pedagógica. Bem mais tarde, no bojo de uma insurreição desencadeada após o colapso da URSS, em outro meio social e com outras referências, o movimento neozapatista, também preocupado em mudar a vida, dedica grande atenção às relações inovadoras entre estética e política. É o que aborda Alex Hilsenbeck Jr. por meio da apresentação do **I Festival CompArte pela Humanidade**.

Se, durante e mesmo após a Guerra Fria, o livro de Hannah Arendt, *As origens do totalitarismo*, assentou, mais do que qualquer outro, as bases da identificação de nazismo com stalinismo (este antes e depois da segunda guerra mundial), agora autores como Domenico Losurdo conseguem reformular o debate e, ao mesmo tempo em que opõe os pretensos irmãos gêmeos, aproximam o nazismo das potências do chamado mundo livre, especialmente com seu entranhado racismo e (neo)colonialismo. A grande ousadia intelectual de Losurdo não evita lacunas em relação justamente a um projeto alternativo de sociedade e aos avanços e fracassos da URSS em realizá-lo. Lúcio Flávio de Almeida faz um esboço de crítica às teses de Hannah Arendt sobre o totalitarismo, ao mesmo tempo em que aponta algumas limitações nas importantes formulações de Losurdo em relação

ao stalinismo. Angela Lasagna aborda, com especial rigor, parte destas lacunas e dá continuidade à renovação imprimida à teoria marxista desde meados dos anos 1960, especialmente com a recuperação e desenvolvimento do conceito de ditadura do proletariado.

A produção do conhecimento histórico, por mais científica que seja, é indissociável da luta pela formação de uma identidade coletiva, o que é parte das relações de forças em determinada sociedade. Luiz Bernardo Pericás examina as diferentes fases da historiografia russa ao longo da existência da URSS. Isabel Monal destaca a importância de Lenin na incorporação das relações entre classe e nação, problema que, já abordado por Marx e Engels, adquiriu importância fundamental, no estágio imperialista, em especial com os desenvolvimentos teórico-políticos realizados por Lenin.

Os textos fora do dossiê guardam estreita relação com este. Máira Kubik T. Mano aborda criticamente o jornalismo sexista, crucial para reforçar a subordinação feminina. Ao mesmo tempo, a autora explora as possibilidades de um jornalismo que atue na contramão desta tendência dominante. Rogata Soares Del Gaudio, Doralice Barros Pereira e Bruna Torres Batista, analisam o papel da criação da disciplina de Geografia do Brasil na Universidade Federal de Minas Gerais na estruturação de uma ideologia nacional deste país, especialmente ao selecionarem aspectos da territorialidade para legitimar políticas do Estado nacional brasileiro. Antonio Paulino de Sousa demonstra como, no capitalismo, o sistema escolar, longe de combater, reproduz, inclusive legitimando, as desigualdades sociais, o que suscita a questão de como seria um sistema educacional voltado para transformação socialista da sociedade.

Edemilson Paraná faz um erudito cotejo das importantes abordagens de Marx e Weber sobre a técnica e demonstra que, assim como para ambos, o debate contemporâneo sobre o tema se insere nas diferentes propostas de interpretação das mudanças em curso na sociedade capitalista.

As resenhas de Fernando Correa Prado, sobre o livro *Além do PT*, e de Waldir Rampinelli, a respeito do livro *Los narcos gringos*, que aborda as relações entre a maior potência imperialista e o narcotráfico, encerram este número.

Como se vê, em se tratando do processo soviético, seus desdobramentos forçam passagem e ultrapassam os limites do dossiê e sinalizam os vínculos entre reflexão e prática.

Eis uma senda que *Lutas Sociais* procura seguir.

por Lúcio Flávio de Almeida e
Renata Gonçalves